

A CONTRIBUIÇÃO DOS PROFESSORES ESTRANGEIROS PARA O DESENVOLVIMENTO DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO NO BRASIL

THE CONTRIBUTION OF FOREIGN PROFESSORS TO THE DEVELOPMENT OF INFORMATION SCIENCE IN BRAZIL

Vania Garcia de Freitas | Maria Nélide González de Gomes | Rosali Fernandez de Souza

<https://doi.org/10.21747/21836671/pag24a1>

Resumo: A Ciência da Informação recebeu a contribuição de professores estrangeiros na elaboração pedagógica do curso de Mestrado em Ciência da Informação, no Instituto Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, na década de 1970. Como objetivos específicos, este estudo buscou identificar esses professores, investigar sua formação e experiência acadêmicas, as disciplinas que lecionaram, os cursos que criaram e a produção intelectual de cada um. Visando entender o processo de institucionalização da área, foi feita uma investigação sobre o contexto histórico das políticas científicas em informação, ciência e tecnologia implementadas na pós-graduação, a infraestrutura e atuação do órgão que implementou o projeto experimental do curso e, principalmente, a contribuição desses professores por meio de revisão da literatura como parte das estratégias metodológicas. A partir dos resultados, concluiu-se que a colaboração científica internacional foi fundamental para a criação do primeiro Curso de Mestrado em Ciência da Informação do Brasil, América Latina e Caribe, possibilitando a formação profissional de novos bibliotecários, a continuidade da área e o desenvolvimento epistemológico em Documentação, Recuperação da informação, Bibliometria, Teoria da Classificação e Organização do Conhecimento.

Palavras-chave: Cooperação científica internacional; História da Ciência da Informação; Instituto Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação.

Abstract: Information Science received the contribution of foreign professors in the pedagogical development of the Master's course in Information Science at the Brazilian Institute of Library Science and Documentation in the 1970s. The specific objectives of this study were to identify these professors, investigate their academic training and experience, the subjects they taught, the courses they created and their intellectual production. In order to understand the process of institutionalization of the area, an investigation was carried out into the historical context of scientific policies in information, science and technology implemented in postgraduate studies, the infrastructure and performance of the body that implemented the experimental course project and, above all, the contribution of these professors by means of a literature review as part of the methodological strategies. Based on the results, it was concluded that international scientific collaboration was fundamental to the creation of the first Master's Course in Information Science in Brazil, Latin America and the Caribbean, enabling the professional training of new librarians, the continuity of the area and epistemological development in Documentation, Information Retrieval, Bibliometrics, Classification Theory and Knowledge Organization.

Keywords: International scientific cooperation; History of Information Science; Brazilian Institute of Library Science and Documentation.

Introdução

Na década de 1950, em função da produção industrial dos países mais desenvolvidos, havia uma demanda por investimentos na capacitação de mão de obra qualificada de profissionais em informação científica e tecnológica (ICT) para suprir a carência de recursos humanos, não só no Brasil, mas em toda a América Latina. Entre as ações políticas

governamentais implementadas, foi criado o Instituto Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (IBBD), em 1954, estimulado pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) e pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), visando atender a essa exigência mercadológica (BICALHO, 2009).

O IBBB, atual Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), assim denominado desde 1976, constituiu-se em um território fértil para o fenômeno de transformação da informação em conhecimento, a partir da troca de experiências entre cientistas estrangeiros e professores brasileiros nos cursos de pós-graduação entre as décadas de 1950 e 1970. Este artigo aborda a importância da participação desses doutores estrangeiros no primeiro curso de Mestrado em Ciência da Informação do Brasil, América Latina e Caribe, cuja missão principal era dar treinamento técnico aos bibliotecários, direcionado para a questão mais necessária daquele momento: a informação científica e tecnológica com foco na indústria e no comércio (PINHEIRO, 2020).

A elaboração do projeto experimental do curso de Mestrado foi uma das ações estratégicas de políticas científicas para a pós-graduação e contou com o empenho das bibliotecárias Lydia de Queiroz Sambaquy, fundadora e primeira diretora do IBBB (1954-1965), e Célia Ribeiro Zaher, que também foi diretora entre 1972 e 1975. Célia tornou-se a coordenadora oficial porque era a única com doutorado (em Direito do Trabalho pela Fundação Nacional de Direito/UFRJ), e essa foi uma exigência prévia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) para o pleno funcionamento do curso (PINHEIRO, 2020). A implementação do curso contou com o apoio financeiro do Conselho Britânico e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), com o qual Célia Zaher fez as negociações políticas para que a emissão do diploma tivesse o reconhecimento e a garantia de pertencer à UFRJ (PINHEIRO, 2020). Entre os argumentos apresentados por Célia, um deles era que, se os professores nacionais não tinham o perfil tecnológico que o CNPq exigia para as cadeiras do Mestrado, naquele momento, professores de fora do país poderiam dar o curso. A formação com enfoque humanista dos cursos de Biblioteconomia do Brasil, proveniente da influência francesa, também foi um forte motivo para que o Mestrado fosse composto por doutores de áreas exatas para fortalecer o desenvolvimento científico e tecnológico do país (ZAHER, 1995).

Lydia Sambaquy e Jannice Monte-Mor, diretora da Biblioteca Nacional (1971-1979), pesquisaram modelos de Organização do Conhecimento (OC) em bibliotecas e centros de documentação dos Estados Unidos e de países da Europa, viagem esta que durou um ano e teve o apoio da UNESCO (ODDONE, 2006). A escolha pela Inglaterra e os Estados Unidos baseou-se na diversidade da formação dos professores e no fato de serem, principalmente, bibliotecários e cientistas da informação provenientes das melhores bibliotecas institucionais (ZAHER, 1995). O curso de especialização oferecido pelo IBBB, Curso de Documentação Científica (CDC), era voltado para a Classificação Decimal de Dewey (CDD), e o novo conceito de Documentação priorizando a informação em sua totalidade, em vez do livro, levava à necessidade de se conhecerem novos sistemas de classificação. A Federação Internacional de Documentação (FID) pretendia criar um sistema único de classificação e os ingleses poderiam ensinar uma visão mais conceitual, pois tinham uma base reflexiva sólida em Teoria de Classificação. Já os estadunidenses tinham a automação como referência e conheciam novos conceitos das técnicas de indexação e resumos, os quais seriam úteis para que os bibliotecários pudessem trabalhar, também, junto a editores na indexação de revistas (ZAHER, 1995).

Com o patrocínio financeiro do Conselho Britânico, da Fundação Ford e do CNPq, vieram ao Brasil, em momentos diferentes, os cientistas representantes dos Estados Unidos: os americanos Jesse Hauk Shera (1903-1982), James Whitney Perry (1907-1971), Jessica Melton Perry, La Vahn Overmyer (1910-2005), Bert Roy Boyce (1938-), Allan Kent (1929-2006) e William Bill Goffman (1924-2000), os britânicos Derek de Solla Price (1922-1983) e Frederick Lancaster (1933-2013) e o croata radicado nos Estados Unidos, Tefko Saracevic (1930-2024); e os representantes da Europa: os britânicos Derek Austin (1921-2001), Douglas Foskett (1918-2004), Derek Langridge (1925-2000), Jack Mills (1918-2010), John Joseph Eyre (1918-2022) e Allan George Brown, o australiano Brian Vickery (1918-2009), a indiana Suman Datta e a alemã Ingetraut Dahlberg (1927-2017).

A missão anglófona que marcou o IBBD era composta por teóricos de instituições universitárias americanas e britânicas com formação em Engenharia, Computação, Administração, Química, Matemática, Biblioteconomia e Ciência da Informação. O que todos esses doutores tinham em comum era a experiência no desenvolvimento de pesquisas em documentação, serviços de bibliotecas e tecnologias voltadas para a recuperação da informação. Essa colaboração só foi possível graças ao acordo de cooperação internacional que a UNESCO havia firmado entre os países do Norte e os do Sul, em 1965, e que também beneficiou o Brasil.

O objetivo principal da pesquisa foi investigar a contribuição teórico-metodológico-pedagógica desses professores estrangeiros na elaboração e implementação do curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação/PPGCI/IBBD, permitindo que áreas epistêmicas se desenvolvessem no Brasil, como Recuperação da Informação, Bibliometria, Teoria da Classificação e Organização do Conhecimento e da Informação. O artigo aborda a metodologia utilizada inicialmente para a recuperação dos dados e organização dos temas que mais se destacaram; faz um resumo sobre a origem da CI, com seu devido embasamento teórico; e, finalmente, apresenta brevemente as linhas epistêmicas que tiveram a colaboração dos professores estrangeiros em seu desenvolvimento, dando destaque àqueles que tiveram uma contribuição mais expressiva.

Metodologia

A pesquisa fundamenta-se em posicionamento científico, histórico e epistemológico, cujo recorte pelo estudo do primeiro curso de Mestrado em CI do Brasil, América Latina e Caribe, se justifica pela necessidade de análise da ocorrência do fenômeno da institucionalização da CI no Brasil. O período histórico escolhido para a recuperação dos dados, entre as décadas de 1950 e 1970, deve-se à criação do IBBD (1954) e do curso de mestrado (1970), momento em que também começa a ocorrer a chegada dos professores estrangeiros no Brasil. A partir da questão inicial “Qual a contribuição deixada pelos professores estrangeiros para o desenvolvimento da Ciência da Informação no Brasil, a partir do seu envolvimento no Programa de Pós-Graduação em Ciência e Informação (PPGCI/IBBD), na década de 1970?”, elaborou-se a hipótese de que o processo de institucionalização da CI se tornou possível após a implementação do curso de mestrado. No entanto, a necessidade de registro de informações históricas contextualizadas sobre essa colaboração, na primeira fase do curso de mestrado, motivou a presente investigação.

A metodologia escolhida para a coleta de dados baseou-se, num primeiro momento, no modelo de protocolo de Revisão Sistemática da Literatura (RSL) de Petticrew e Roberts (2006), cujas etapas de atividades basearam-se em quatro fases: definição das estratégias e dos critérios de busca; aplicação dos critérios de seleção; análise; e sintetização da recuperação. Esse modelo foi adaptado para atender às necessidades da pesquisa e servir de apoio para a formação do *corpus* inicial, visando recuperar achados relevantes e sem vieses. Foram utilizadas como bases de dados as bibliotecas digitais, os repositórios acadêmicos e as fontes bibliográficas da área (Web of Science, Scopus, Lisa, BENANCIB, Emerald, BRAPCI, CAPES, Scielo, Google Scholar, BDTD e RIDI), com o objetivo principal de recuperar publicações confiáveis e revisadas pelos pares.

Ao todo foram recuperados 90.604 documentos, entre artigos e outros formatos, nos quais foram aplicados os principais critérios de exclusão: os documentos repetidos, aqueles que não abordavam nenhum dos temas pesquisados ou algum elemento que não se referisse à população ou ao seu contexto, as publicações não revisadas pelos pares, aqueles que não citaram o IBBD e aqueles que não se referiam às décadas de 1950 e 1970. Após esse refinamento, restaram 84 documentos, dos quais 48 foram selecionados para compor o *corpus* inicial da análise, porque correspondiam aos critérios de inclusão: pesquisa primária e secundária, professores estrangeiros ou qualquer um dos nomes citados, contexto histórico, institucionalização da CI no Brasil, criação do IBBD e, principalmente, criação do curso de Mestrado em CI.

Embasamento teórico

Visando à construção de um debate, buscou-se um diálogo com autores que pudessem contribuir com uma análise crítica sobre os diversos temas que o contexto da pesquisa abrange a partir de suas variáveis teóricas, como história, ciência, cooperação científica e interdisciplinaridade. Na história da Ciência da Informação, assim como ocorreu com outras áreas, também houve o questionamento de pensamentos e correntes teóricas que se desenvolveram de forma concomitante e levaram ao surgimento de novas áreas (KUHN, 1970). A CI brasileira absorveu em sua formação influências dos Estados Unidos, Grã-Bretanha e outros países da Europa, de diversas fontes e autores que contribuíram historicamente para a construção epistemológica da área em momentos diferentes (SOUZA, CARVALHO e RAMOS, 2020). O belga Paul Otlet, com seu *Traité de Documentation* (1934), e o russo Mikhailov (1958), com o projeto de uma nova disciplina, a *Informatika*, foram significativos para o campo e antecederam o período considerado o marco – década de 1960 – para a consolidação da área e sistematização das pesquisas teóricas (ARAÚJO, 2018).

Historicamente, a interdisciplinaridade da CI, segundo Pinheiro (1999), pode ser atribuída a certas mutações e tendências ao longo do tempo ou predominância de algumas disciplinas em correntes oriundas de países como os Estados Unidos e a antiga União Soviética. Pinheiro (2005:17) afirma que a “fase conceitual e de reconhecimento interdisciplinar” da CI ocorreria na conferência do Georgia Institute of Technology (ou Georgia Tech), em 1962, quando a disciplina foi formulada pela primeira vez; no *Relatório Weinberg: ciência, governo e informação*, nos Estados Unidos, em 1963; no trabalho *Informatika*, de Mikhailov (1966); no estudo de Rees e Saracevic (1967); e no artigo de Borko, *Information science: what is it?*. Na visão da vertente americana, a CI estava mais voltada para a Ciência

da Computação, a Cibernética e a Engenharia de Sistemas, mas também para a Biblioteconomia; já na antiga União Soviética, tendo Mikhailov como representante, houve uma concentração em áreas como Biblioteconomia, Psicologia, Linguística e Semiótica, mas também em tecnologia de computadores e na Cibernética (PINHEIRO, 1997).

A transferência de novas tecnologias de informação trazidas pelos professores estrangeiros para o IBBD, na década de 1970, era o que havia de mais moderno para a área naquele momento, como a produção em microfichas do Catálogo Coletivo Nacional de Publicações Periódicas (CCN), o desenvolvimento do formato CALCO (Catalogação Legível por Computador), as bibliografias especializadas nacionais computadorizadas, a internacionalização de bases de dados estrangeiras e o desenvolvimento de bases de dados nacionais (VIEIRA, 1995:2). Com base na afirmação de Thomas Kuhn (1989:35), de que “a tecnologia desempenha um papel vital no surgimento de novas ciências”, podemos dizer que esta foi uma ferramenta indispensável para quebrar paradigmas com a aplicação da informática e da eletrônica no desenvolvimento da CI. A abordagem de Kuhn ratifica a forma como a Ciência da Informação utilizou sistemas tecnológicos e conceitos de áreas exatas, de forma que a CI passasse a ser representada pela Recuperação da Informação e pelo armazenamento em computadores (ORTEGA, 2009:15). Rafael Capurro (2007), por sua vez, defende o questionamento teórico da moral diante do impacto das Tecnologias da Informação na sociedade, abordagem esta que dialoga com as preocupações éticas levantadas pelos membros do Classification Research Group (CRG), a principal equipe inglesa de Teoria da Classificação formada na década de 1950.

A apropriação e ressignificação de conceitos, práticas, métodos, teorias ou produtos oriundos de diferentes disciplinas científicas, assim como a interação social entre cientistas da engenharia, da computação e de documentalistas do IBBD, possibilitaram à CI brasileira uma base interdisciplinar e polissêmica. Para Saldanha (2020), a própria Biblioteconomia, por ser humanista desde sua origem, permitia esse diálogo entre as disciplinas. Mas foi a partir da aproximação entre a Documentação, a Biblioteconomia e o conceito de Informação Científica, em que estudiosos já tentavam compreendê-la e defini-la de acordo com suas aplicações, é que se estabeleceram as condições para a sua evolução conceitual: “[...] suas raízes, em princípio, vêm da bifurcação da Documentação/Bibliografia e da Recuperação da Informação” (PINHEIRO, 1999:155). A consolidação da expressão Ciência da Informação ocorreria, no entanto, graças à participação dos pesquisadores em eventos e associações científicas realizados entre as décadas de 1950-1960; à criação do curso de Mestrado em Ciência da Informação do IBBD em 1970; ao lançamento da revista *Ciência da Informação* em 1972; e, finalmente, à mudança do nome Instituto Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (IBBD) para Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) em 1976 (PINHEIRO e OLIVEIRA, 2012).

Áreas epistêmicas que se desenvolveram na CI do Brasil

Os antecedentes conceituais e históricos da Ciência da Informação e as políticas científicas voltadas para a pesquisa de pós-graduação influenciaram teoricamente as linhas epistêmicas que se desenvolveram no Brasil, permitindo que a CI dialogasse com áreas diversas e absorvesse novos conceitos, encontrando outras perspectivas até se constituir como campo do conhecimento científico. Segundo os estudos de Pinheiro (2005), com base nos artigos da *Annual Review of Information Science and Technology* (ARIST), publicados

entre 1966 e 2003, a CI evoluiu conceitualmente no Brasil a partir do amadurecimento da pós-graduação. Entre 1970 e 1989, na tentativa de delimitar o seu campo epistemológico, a CI se apropriou de conceitos e disciplinas de outras áreas em busca de princípios, metodologia e teorias, além da inclusão de novas tecnologias (PINHEIRO, 2005).

Documentação

Na Documentação, os cursos de pós-graduação ministrados pelo IBBD herdaram, desde a década de 1950, o entendimento de Paul Otlet e Henri La Fontaine sobre o conceito de Documentação e de seus princípios, do documento como um objeto com conteúdo, contexto e valor documental, assim como adotaram a Classificação Decimal de Dewey (CDD) e a Classificação Decimal Universal (CDU) em suas bibliografias e no curso de Biblioteconomia (ARAÚJO, 2018). A francesa Suzanne Briet (1894-1989), bibliotecária da Biblioteca Nacional da França, documentalista, historiadora e discípula de Paul Otlet, deixou como contribuição a publicação *Qu'est-ce que la documentation?* (1951). Seu trabalho é uma reflexão conceitual da ciência e da cultura sobre a Documentação no contexto do pós-Guerra e aborda a relação homem-máquina a partir da Teoria Matemática da Comunicação de Claude Shannon (1948) e Warren Weaver (1949) (BLÁZQUEZ OCHANDO, 2012:58).

O Brasil também recebeu a influência das escolas anglo-saxônica, alemã e russa na perspectiva informativa da Documentação, considerando o processo de informação uma variedade em que o sujeito emissor é o documentalista, o sujeito receptor é o investigador, e a mensagem é o documento (LÓPEZ YEPES, 1995). A corrente soviética, representada por Chernyl, Gilyarevskii e Miklailov, nas décadas de 1960 e 1970, preferiu o termo mais amplo *Informatika* para a Documentação, baseado no movimento de informação científica desenvolvido por Paul Otlet e Henri La Fontaine (LÓPEZ YEPES, 1995). Sob a influência da União Soviética, a corrente anglo-saxã desenvolveu, na Alemanha, uma abordagem documentalista que designava o termo Documentação para a informação especializada, em reação à tradução para o alemão do trabalho *Information Science: What is it?* de Herald Borko (1968) (ORTEGA, 2009:17).

O ensino da Documentação chegou ao Brasil, também, em decorrência do acordo de colaboração científica internacional que já vinha ocorrendo desde a década de 1950 por meio da UNESCO. O químico industrial sul-africano Herbert Coblans, por exemplo, além de ministrar cursos sobre Documentação no IBBD, “contribuiu para a substituição da Classificação Decimal de Dewey pela Classificação Decimal Universal” (FONSECA, 2023:534). Seu pensamento sobre a prática pedagógica em Documentação, suas publicações na *Revista do Serviço Público* do DASP e seu envolvimento na criação do IBBD repercutiram positivamente na pedagogia do curso de Mestrado. Célia Zaher foi a primeira professora de Pesquisa Bibliográfica e de Documentação, disciplina que havia aprendido como aluna da Columbia University, nos Estados Unidos, e mais tarde passou a ensinar Processamento de Dados em Documentação para que os bibliotecários pudessem atuar junto a editores, livreiros e na indexação de conteúdo e resumos de revistas e periódicos (ZAHER, 1995).

O pensamento da Biblioteconomia francesa sobre o conhecimento cultural e a preservação do patrimônio intelectual foi aplicado e defendido no Brasil, estendendo-se aos cursos de especialização e mestrado do IBBD. Jesse Shera, mesmo sendo considerado um

representante do pensamento norte-americano sobre Documentação, foi um dos pioneiros dessa filosofia pedagógica e inseriu a Documentação no currículo mínimo do Curso de Documentação Científica (CDC) em 1962 (PAIVA e SILVA, 2021). O Curso estava inscrito no plano de ação estratégica das políticas científicas para a “modernização” do ensino e era direcionado para técnica, instrumentos, aquisição e organização de novos materiais, contrapondo a Documentação americana à brasileira, com foco na especialização e no atendimento à indústria e ao comércio (PINHEIRO, 2020:2). Entre as inovações, Shera apresentou novos “sistemas mecânicos de obtenção de informações”, termo utilizado por ele para denominar as tecnologias de Recuperação da Informação, desde o cartão perfurado de seleção manual até o equipamento básico, como o computador, para a pesquisa da literatura. Além de imprimir um olhar tecnossocial americano sobre a importância do bibliotecário e documentalista nas empresas, ele também defendeu os ideais otletianos de um “bibliotecário independente, não alheio à ciência e à sociedade, mas um transformador social e difusor do conhecimento” (PAIVA e SILVA, 2021:202).

O IBBD foi o primeiro órgão que, por causa desse curso, lançou o formato automatizado de catalogação CALCO e o primeiro a fazer sistemas de informação automatizada na América Latina (ZACHER, 1995). Em 1970, visando atualizar e preparar os documentalistas da ciência para ingressarem no curso de mestrado, o CDC foi reformulado e implementou um novo Ciclo básico com as disciplinas:

Recursos informativos em ciência e tecnologia, Introdução ao uso do computador, Técnica de referenciação documentária, Teoria dos conjuntos, Métodos quantitativos, Ciência da Informação no panorama atual, Metodologia da pesquisa I, Linguagens de indexação e Administração de serviços de informação (PINHEIRO e LOUREIRO, 1995:11-12)

Segundo Paiva e Silva (2021), oficializar o CDC representou uma reação às divergências entre as correntes da Biblioteconomia francesa e da americana, e serviu também para estabelecer a Documentação e a Ciência da Informação no Brasil na década de 1950.

Recuperação da Informação e Bibliometria

Com o envolvimento de profissionais de áreas técnicas em atividades ligadas à informação científica, a CI passou a ser representada pela Recuperação da informação, pelo armazenamento em computadores, e não mais relacionada à Documentação ou à Biblioteconomia especializada (ORTEGA, 2009). Essa característica tornou-se uma das principais origens da CI nos Estados Unidos, nos anos 1960, absorvendo todos os conceitos anteriores, desde Bibliografia (1802). Tefko Saracevic foi o representante dessa nova abordagem, que mais tarde seria transmitida aos alunos do IBBD, em 1971, com a integração da disciplina Ciência da Informação nos currículos dos cursos de graduação de Biblioteconomia e Documentação, relacionados às disciplinas de Informática e Automação. Os professores provenientes dos Estados Unidos eram referência em Recuperação da Informação automatizada, e alguns deram palestras, criaram cursos, lecionaram disciplinas e orientaram dissertações. Tefko Saracevic e Frederick Lancaster foram os que se destacaram com o maior número de orientações: 13 e 34, respectivamente (PINHEIRO e LOUREIRO, 1995).

As primeiras disciplinas oferecidas no curso de Mestrado se aproximavam mais dos Sistemas de Recuperação da Informação com enfoque sistêmico. Hagar Espanha Gomes

(1990:170) afirmou, em entrevista concedida à revista *Ciência da Informação*, que “os grandes avanços nas técnicas de recuperação com auxílio do computador estavam nos Estados Unidos, [...] na Case Western Reserve University”, como Jesse Shera, James Perry, Allan Kent e Jessica Perry. James Perry veio primeiro e contribuiu com o que havia de mais moderno na área de linguística computacional; depois veio Jessica Perry; e por último, Tefko Saracevic, que indicou outros professores na mesma linha de pensamento e atuação, convidados com o apoio do CNPq, como Frederick Lancaster e Suman Datta.

A Bibliometria, que era voltada para a prática em gestão de coleções em bibliotecas, na década de 1930, como “parte definida da bibliologia” (OTLET, 1934:18), começa a desenvolver estudos métricos da informação e análise de citações de publicações científicas a partir dos anos 1960. Tefko Saracevic foi quem inseriu a Bibliometria na disciplina Processamentos de Dados na Documentação no curso de Mestrado, em 1972, e só a partir de então começam as pesquisas com esse tema, as primeiras dissertações e os primeiros professores brasileiros especialistas em Bibliometria que formariam as gerações seguintes, como Gilda Maria Braga e Laura Maia de Figueiredo (PINHEIRO, 2021). Além de Saracevic, os estudos bibliométricos de Solla Price também foram ensinados no curso de Mestrado, como a Lei da raiz quadrada de Price (ou Lei de Price), o Modelo de Price para quantificar o crescimento de redes de citações entre artigos científicos e os estudos sobre o crescimento exponencial da ciência e da meia-vida da literatura científica.

Teoria da Classificação

A Teoria da Classificação foi trazida pelos europeus, britânicos em sua maioria, e reapropriou os conceitos de Ranganathan sobre a análise de facetas para Sistemas de Organização do Conhecimento (SOC), como o Sistema de Classificação Bibliográfico (SCB), a Classificação Decimal de Dewey (CDD), a Classificação da Biblioteca do Congresso (CBC), a Classificação Decimal Universal (CDU) e a Classificação dos Dois Pontos (CDP) – todos importantes para as classificações bibliotecárias e bibliográficas. As técnicas de classificação facetada desenvolvidas por Ranganathan foram ensinadas aos alunos do IBBD pelos britânicos Douglas Foskett, Brian Vickery, Derek Austin, Jack Mills e Derek Langridge, ex-membros do Classification Research Group (CRG) (CORDEIRO e PRET, 2018).

O CRG foi o principal grupo inglês de pesquisa em classificação facetada, com diversos trabalhos publicados durante sua existência entre 1952 e 1969. Considerado o representante e porta-voz do CRG, Brian Vickery publicou, em 1955, o Manifesto para que a classificação facetada se tornasse a base de toda a Recuperação da Informação, com base no pensamento de Ranganathan. Douglas Foskett criou um sistema classificatório generalista para que todas as áreas do conhecimento pudessem ser ordenadas de acordo com o princípio da Teoria dos Níveis Integrativos de J. K. Feiblemann. Com base nesse mesmo princípio, Derek Austin criou a noção de contextualização aplicada ao seu sistema de Linguagem de Indexação PRECIS (CORDEIRO e PRET, 2018).

A Teoria da Classificação foi uma atividade central na Organização da Representação do Conhecimento (ORC) em sistemas de recuperação de documentos e de informação nos cursos de pós-graduação do PPGCI, e sua perspectiva estrutural e conceitual deve-se à metodologia utilizada pelos ex-membros do CRG. Já os estudos de Ingetraut Dahlberg mostraram que a Classificação abrange elementos que estão além da Biblioteconomia,

envolvendo outras áreas do conhecimento científico. A cientista influenciou a formulação do conceito de classificação como um método que reúne termos semelhantes numa estrutura organizada (SOUZA, 2022).

Organização do Conhecimento e Organização da Informação

Os europeus também trouxeram para o Brasil a Organização do Conhecimento (OC), cujo objeto de estudo é o conhecimento organizado e se refere à organização social dos conceitos, à sistematização cognitiva do conhecimento e à construção de sistemas. A OC trata do “desenvolvimento de técnicas para a construção, gestão, uso e avaliação de classificações científicas, taxonomias, nomenclaturas e linguagens documentais” em bibliotecas, arquivos e outras unidades de informação (ALVES e OLIVEIRA, 2016:104). A construção das práticas que passaram a ser denominadas Organização do Conhecimento teve a influência direta de Paul Otlet em seu *Tratado de Documentação* (1934), mas a OC tem sua origem histórica na base conceitual da Teoria da Classificação. Nas palavras de Miranda e Campos (2022:164), Dahlberg (2008) entendia a OC como “uma nova disciplina científica baseada no conceito proposicional de ciência”, a partir da fundamentação teórico-científica, podendo ser considerada um subcampo da Ciência das Ciências no sistema universal de ciências.

Enquanto a OC organiza o conhecimento, seus domínios, sistematizando-o para representá-lo, apoiada em seus conceitos e relacionamentos semânticos, a Organização da Informação (OI) se utiliza desses instrumentos para representar o conteúdo de um documento com conhecimento registrado, para que ele seja recuperado eficazmente em um Sistema de Recuperação da Informação (SRI) (LIMA, 2020). Dahlberg (2006) definiu a OI como a ordenação de objetos para criar um elo com uma área e sua própria atividade, envolvendo processos de representações de objetos informacionais e visando à recuperação da informação (RI) eficaz para o seu principal foco: os usuários. A OI teve a influência norte-americana e possibilitou estudos em Estrutura da informação científica e de comunicação formal na ciência (GOMES, 1990).

Não só Dahlberg, mas Derek Austin, Bryan Vickery, Derek Langridge, Frederick Lancaster e Douglas Foskett desenvolveram estudos sobre formas eficazes de representação simbólica dos Sistemas de Organização do Conhecimento (SOC) em ambientes mecanizados. As pesquisas de tratamento temático da informação desenvolvidas pela corrente inglesa influenciaram as aplicações da indexação no campo da CI; e o conhecimento teórico de tecnologias para a Organização da Informação trazido pelos norte-americanos contribuíram para que a informação pudesse ser recuperada eficazmente, utilizando-se de elementos conceituais para representar o conteúdo de um documento.

Brian Vickery (1986) fez um alerta sobre a manipulação da representação simbólica da estrutura das bases de dados, dos programas de computação, da inteligência artificial e da construção de modelos cognitivos com o desenvolvimento das tecnologias. O cientista argumentou que os SOC são elaborados, constituem instrumentos de poder e são enviesados na prática, porque é na representação do conhecimento que estão todos os processos simbólicos conceituais do conhecimento humano (VICKERY, 1986:145). Derek Langridge (1977:21) também alertou que “toda classificação está relacionada a um propósito”, e “os mesmos objetos podem ser classificados de maneiras diferentes, dependendo do propósito a que se destinam”.

Tanto o pensamento de Brian Vickery quanto o de Derek Langridge dialogam com os estudos de Pierre Bourdieu (1989) sobre as relações de poder e disputa de autoridade no campo científico, os quais revelam que os sistemas de organização constituem a crença de um campo, são estruturados pelas relações de poder que os determinam e são estruturantes das mesmas relações de poder e do próprio campo. Segundo González de Gómez (1999:26), um dispositivo “não possui a neutralidade que o torna um instrumento para qualquer orientação ou intenção posterior”, mas possui, “desde seu início, regras de formação e transformação. Considerados como dispositivos, os recursos de informação manifestam as trajetórias e deslocamentos do poder informacional”. Não podemos considerar, portanto, que um Sistema de Organização do Conhecimento tenha sido construído ou utilizado sob uma perspectiva neutra ou imparcial.

Considerações finais

A metodologia utilizada mostrou-se promissora como forma de mapear boa parte da biografia dos cientistas, sua produção científica e identificar os conceitos e teorias que mais influenciaram a CI. A literatura consultada revelou que os cientistas da informação brasileiros discutem e publicam sobre a origem da CI em todos os seus aspectos, mas abordam apenas os pioneiros estrangeiros que mais se destacaram no Brasil, ou por sua vasta produção, ou pela relevância do tema discutido, ou pela presença na conformação epistemológica do curso. A relevância dada à vinda dos professores estrangeiros é menor do que a dada à atuação dos brasileiros – principalmente as mulheres –, na criação do IBBD, na institucionalização da profissão do bibliotecário e na implementação do curso de mestrado. As fontes revelaram, no entanto, que existe um reconhecimento entre os pares de que a colaboração dos professores estrangeiros preencheu uma lacuna que havia de brasileiros com o perfil desejado para institucionalizar a CI com base no modelo de ensino praticado nos Estados Unidos e na Inglaterra.

A metodologia utilizada por esses intelectuais, nos cursos do PPGCI, influenciou a prática pedagógica em Biblioteconomia do pensamento estadunidense e britânico, sobrepondo-se ao modelo francês e influenciando as ações do IBBD em sua origem. A matriz francófona da Documentação, aplicada na Biblioteconomia americana e reforçada pela literatura importada, influenciou a Biblioteconomia do Brasil, os documentalistas e os estudiosos da Ciência da Informação, garantindo ao ensino da pós-graduação do PPGCI uma característica funcionalista, pragmática e tecnicista para a área, voltada para a formação profissional dos bibliotecários. A Ciência da Informação distanciou-se aos poucos dessa visão positivista, mas continuou dialogando com diferentes áreas do conhecimento e se apropriando de novos conceitos. A Recuperação da Informação, a Bibliometria, a Teoria da Classificação e a Organização do conhecimento são áreas que absorveram diferentes visões geopolíticas e que, com o passar dos anos, se ampliaram e ganharam novos contornos e ressignificações, tornando-se mais atualizadas porque continuaram a fazer parte do arcabouço científico.

Como limitações da pesquisa, não foi possível, por exemplo, ter acesso a informações sobre a vida e a obra de todos os cientistas da mesma forma, porque nem todos recebem o mesmo tratamento como reconhecimento de sua contribuição. O tema não se deu por esgotado e considero importante, portanto, o desenvolvimento de mais pesquisas sobre os personagens que construíram parte da história da CI, pois ficou constatada uma lacuna

sobre a sua biobibliografia. A escassez de informações sobre as cientistas mulheres pioneiras, ao contrário do que ocorre com as bibliotecárias do IBICT, também é um tema que merece mais atenção e investigação na linha de estudos de gênero.

Conclui-se que a Ciência da Informação é um campo científico em constante construção, e todos os conceitos e teorias herdados fazem parte de sua base epistemológica. Conhecer a história dos cientistas possibilitou uma visão em perspectiva dos acontecimentos e revelou uma análise crítica para a compreensão dos desdobramentos epistemológicos e sociais atuais da CI, tendo em vista que os eventos da atualidade estão interligados com o passado. A história dos cientistas se confunde com a história da Ciência da Informação brasileira e nos revela questões que continuam atuais e relevantes para a área em pleno século XXI: existe um propósito em toda a classificação; as abordagens não devem ser consideradas neutras ou arbitrárias; os dispositivos são instrumentos de poder e manipulação; e as novas tecnologias podem causar efeitos nocivos no ser humano. Os conceitos clássicos da Organização do Conhecimento nos ajudam a refletir criticamente sobre a forma como lidamos com a informação e como ela tem sido mediada pelas plataformas digitais.

Referências bibliográficas

ALVES, Bruno Henrique; OLIVEIRA, Francina Tannuri de

2016 O Desenvolvimento do domínio da Organização do Conhecimento no contexto da Ciência da Informação a partir da ISKO-Brasil. *Brazilian Journal of Information Studies: Research Trends*. 10: 2 (2026) 103-108.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila

2018 *O Que é Ciência da Informação?* Belo Horizonte: KMA, 2018.

BICALHO, Lucinéia Maria

2009 *As Relações interdisciplinares refletidas na literatura brasileira da Ciência da Informação*. Belo Horizonte, 2009.
Tese de Doutorado em Ciência da Informação - Universidade Federal de Minas Gerais.

BLÁZQUEZ OCHANDO, Manuel

2012 *Historia de la ciencia de la documentación: el conocimiento de los orígenes de la documentación*. Madrid: mblazquez.es, 2012.

BOURDIEU, Pierre

1989 *O Poder simbólico*. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

CAPURRO, Rafael

2007 Epistemología y ciencia de la información. *Revista Venezolana de Información, Tecnología y Conocimiento*. 4:1 (jan.-abr. 2007) 11-29.

CORDEIRO, Rosa Inês de Novais; PRET, Raquel Luise

2018 Aproximações entre a Teoria da Classificação e o processo de indexação: as contribuições do Classification Research Group. In ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 19º, Londrina, 2018 - *GT-2/Organização e Representação do Conhecimento*. 2018.
Comunicação oral.

DAHLBERG, Ingetraut

2008 The Information Coding Classification (ICC): a modern, theory-based fully-faceted, universal system of knowledge fields. *Axiomathes*. 18 (2008) 161-176.
DOI: 10.1007/s 10516-007-9026-8.

DAHLBERG, Ingetraut

2006 Knowledge organization: a new science? *Knowledge Organization*. 33:1 (2006) 11-19.

FONSECA, Edson Nery da

2023 Entrevista com o Prof. Edson Nery da Fonseca. Entrevistador Cesar Augusto Castro. In *Biblioteconomia brasileira: textos fundadores*. Org. Cesar Augusto Castro, Diana Rocha da Silva. São Luís: EDUFMA, 2023.

GOMES, Hagar Espanha

1990 Entrevista. *Ciência da Informação*. 1:2 (jul./dez. 1990) 69-71.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nelida

1999 O Caráter seletivo das ações de informação. *Informare*. 5:2 (1999) 7-31.

HOBBSAWM, Eric

1998 *Sobre história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

KUHN, Thomas S.

1989 *A Estrutura das revoluções científicas*. 5ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1989 [1970].

LANGRIDGE, Derek Wilton

1977 *Classificação: abordagem para estudantes de Biblioteconomia*. Trad. Rosali P. Fernandez. Rio de Janeiro: Interciência, 1977.

LIMA, Gercina Ângela de

2020 Organização e representação do conhecimento e da informação na web: teorias e técnicas. *Perspectivas em Ciência da Informação*. 25:nº especial (fev. 2020) 57-97.

LÓPEZ YEPES, José

1995 La Perspectiva informativa de la documentación: la documentación como ciencia de la información documental: el concepto de information science. In LÓPEZ YEPES, J. - *La Documentación como disciplina: teoría e história*. Pamplona: EUNSA, 1995, p. 153-196.

MIRANDA, Marcos Luiz Cavalcanti de; CAMPOS, Maria Luiza de Almeida

2022 A Organização do Conhecimento no domínio das Ciências Sociais e Humanidades na perspectiva de Douglas John Foskett e Derek Wilton Langridge: uma abordagem aos Estudos Culturais e inovações disruptivas. *P2P & Inovação*. 8:2 (mar.-ago. 2022) 160-177.

ODDONE, Nanci

2006 O IBBD e a informação científica: uma perspectiva histórica para a Ciência da Informação no Brasil. *Ciência da Informação*. 35:1 (jan./abr. 2006) 45-56.

ORTEGA, Cristina Dotta

2009 A Documentação como uma das origens da Ciência da Informação e base fértil para sua fundamentação. *Brazilian Journal of Information Studies*. [Em linha]. 3:1 (jan./jun. 2009) 3-35. [Consult. 10 maio 2024]. Disponível em: <http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/bjis>.

OTLET, Paul

2018 *Tratado de Documentação: o livro sobre o livro, teoria e prática*. Trad. Taiguara Villela Aldabalde [et al.]. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2018 [1934].

PAIVA, Talita de Cássia Lima; SILVA, Diana Rocha da

2021 Jesse Shera no Brasil? Contribuições para a biblioteconomia brasileira na década de 1950. *Perspectivas em Ciência da Informação*. 26:3 (set. 2021) 179-207.

PETTICREW, Mark; ROBERTS, Helen

2006 *Systematic reviews in the social sciences: a practical guide*. [USA]: John Wiley & Sons, 2006.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro

2021 Marcos históricos e avanços das metrias da informação e comunicação: da Bibliometria às Altmétrias. In *Diálogos sobre Bibliometria e cientometria*. Org. Raymundo N. Machado, Kátia de Oliveira Rodrigues, Susane Santos Barros. Salvador: Edufba, 2021.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro

2020 Hagar Espanha Gomes: múltiplos e inovadores movimentos acadêmicos e pedagógicos. *Ciência da Informação*. 7:2 (maio/ago. 2020) 3-14.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro

2005 Processo evolutivo e tendências contemporâneas da Ciência da Informação. *Informação & Sociedade*. 15:1 (jan./jun. 2005) 13-48.

PINHEIRO, Lena Vânia Ribeiro, org.

1999 Campo interdisciplinar da Ciência da Informação: fronteiras remotas e recentes. In CASTRO, Ana Lucia Siaines de [et al.] - *Ciência da Informação, Ciências Sociais e interdisciplinaridade*. Prefacio de Gilda Maria Braga. Brasília; Rio de Janeiro: IBICT, 1999.

PINHEIRO, Lena Vânia Ribeiro

1997 *A Ciência da Informação entre sombra e luz: domínio epistemológico e campo interdisciplinar*. Rio de Janeiro, 1997.
Tese de Doutorado em Comunicação – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro; LOUREIRO, José Mauro Matheus

1995 Traçados e limites da Ciência da Informação. *Ciência da Informação*. 24:1 (1995).

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro; OLIVEIRA, Eloísa da Conceição Príncipe de, org.

2012 *Múltiplas facetas da comunicação e divulgação científicas: transformações em cinco séculos*. Brasília: IBICT, 2012.

SALDANHA, Gustavo Silva

2020 *Ciência da Informação: crítica epistemológica e historiográfica*. Rio de Janeiro: IBICT, 2020.

SOUZA, Rosali Fernandez de Souza

2022 Personalidades fundadoras da classificação: algumas contribuições de impacto no Brasil nas décadas de 1960 e 1970. In *História e memória da Organização do Conhecimento no Brasil: percursos e releituras*. Org. Gustavo Saldanha, Tatiana de Almeida. Rio de Janeiro: IBICT, 2022.

SOUZA, Rosali Fernandez de; CARVALHO, Priscila Ramos; RAMOS, Marcos Gonçalves

2020 50 anos do PPGCI IBICT: análise textual da produção científica com IRAMUTEQ. *Informação & Informação*. 25:4 (out./dez. 2020) 117-141.

VICKERY, Brian C.

1986 Knowledge representation: a brief review. *Journal of Documentation*. 42:3 (1986) 145-159.

VIEIRA, Anna da Soledade

1995 Na janela do tempo com o IBBD e Drummond: passagens, transformações e novos desafios em educação. *Ciência da Informação*. 24:1 (1995).

ZAHER, Celia Ribeiro

1995 Entrevista. *Ciência da Informação*. 24:1 (1995).
Entrevistadora: Rosali Fernandez de Souza.

Vania Garcia de Freitas | garciadefreitas@gmail.com

Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), Brasil

Maria Nélida González de Gomes | nelida@ibict.br

Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), Brasil

Rosali Fernandez de Souza | rosali@ibict.br

Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), Brasil